

## **Tome cuidado, seu tratamento contra o carrapato pode estar falhando!**

*Ivo Kohek Jr.\**

O carrapato do bovino (*Boophilus microplus*) passa a maior parte do seu desenvolvimento no próprio animal hospedeiro. Seu parasitismo inicia pela larva que sobe no animal através do capim, fixando-se na pele, sob os pelos, ficando imperceptível a olho nu nos primeiros dias. No 3° dia de fixação aumenta 80% do peso inicial e no 4° dia esse aumento chega a 400% do peso inicial. Ao alcançar a forma adulta torna-se bem visível devido ao seu tamanho que, no dia que antecede à queda, o peso chega a 1400% do peso inicial.

A maioria dos tratamentos é praticada no momento em que se começa a enxergar o carrapato. Este é o maior erro no controle deste parasita.

Inúmeros trabalhos comprovam que o combate ao carrapato deve ser de forma estratégica, sendo realizado em épocas pré-determinadas, observando-se a biologia do parasita, de acordo com a região em que se encontra. No Rio Grande do Sul temos três gerações de carrapatos ao ano e são preconizados tratamentos estratégicos entre os meses de outubro/novembro; outro em janeiro e por fim, entre os meses de março/abril. O importante é tratar, mesmo não se vendo o parasita, pois ele está lá, alimentando-se de sangue e reproduzindo-se, pronto para deixar mais uma geração de descendentes no pasto. É justamente antes desta nova geração que se faz o controle.

Todo banho carrapaticida deve contemplar o corpo inteiro do hospedeiro, por isso, de nada adianta pulverizar apenas superficialmente o pêlo dos bovinos, pois o produto deve atingir a pele onde realmente se encontra o carrapato, tanto a larva como o adulto. O pulverizador costal é um dos vilões nestes casos, pois com ele não se consegue pressão suficiente para o produto atingir a pele do bovino. Eles foram idealizados para serem utilizados na agricultura.

Onde não há banheiros e o uso do pulverizador costal se faz necessário, deve-se usar um bico cujo jato saia em forma de leque. Este bico proporciona maior pressão e faz com que a calda seja dirigida para baixo do pelo, atingindo o carrapato. Desta maneira as pequenas larvas, não observadas a olho nu, também serão banhadas. Também é necessário que todo o corpo do animal seja bem molhado, pois o carrapato está presente em praticamente todo o corpo, principalmente na região inferior do bovino e em locais onde a pele é menos espessa e mais protegida. A

quantidade de calda utilizada não deve ser inferior a **4 litros** por animal. Menos que isto, provavelmente não será possível proporcionar um banho eficiente.

Se os banhos com carrapaticidas fossem sempre corretamente realizados, problemas de resistência às drogas carrapaticidas seriam minimizados e retardados. Muitas vezes é atribuída resistência do carrapato a alguma droga, mas na verdade o que ocorre é apenas falha de tratamento, principalmente na diluição do produto com a água, banho mal realizado e em época errada. Isto pode ser comprovado ao se fazer o teste de biocarrapaticidograma. No laboratório a droga funciona, mas na propriedade não. Típico caso de um manejo errado.

Ao se banhar o gado com pouca calda ou produto mal diluído o parasita não morrerá porque foi exposto a uma pequena quantidade da droga, não suficiente para matá-lo e isto, sem dúvida, desenvolverá a resistência. Esta resistência é genética, portanto, transmitida às próximas gerações de carrapatos.

O uso de produtos ineficazes, “empurrados” indiscriminadamente aos criadores, além dos prejuízos econômicos que trazem, proporcionam uma significativa poluição ambiental.

\* Médico Veterinário - Serviço de Doenças Parasitárias, DFDSA/SEAPPA

### **Referências Bibliográficas**

- CAMPOS PEREIRA, M.; LABRUNA, M. B.; SZABÓ, M. P. J.; KLAFKE, G. M. Rhipicephalus (Boophilus) microplus, Biologia, Controle e Resistência. MedVet Livros, 2008. 169 p.
- KOHEK, I. Jr - Pulverização contra o carrapato exige cuidados no preparo e manejo para evitar falhas – Revista Nelore – Ano V, N° 38, agosto/96

## Potencialidade de ovinos para abate no Rio Grande do Sul

*Roberto Moreira de Azambuja \* & Diego Viali dos Santos \*\**

A população ovina no RS, segundo levantamento pecuário 2009 realizado pelo Departamento de Produção Animal (DPA/SEAPPA) atingiu cerca de 3,5 milhões de animais. Na tabela abaixo é possível observar a população ovina por categorias, o número de produtores rurais e o número de propriedades com ovinos no RS em 2009.

<i>Ano</i>	<b>2009</b>
machos até 6 m de idade	441.822
fêmeas até 6 m de idade	514.149
machos acima de 6 m de idade	417.512
fêmeas acima de 6 m de idade	2.065.620
<b>Total Ovinos</b>	<b>3.439.103</b>
Propriedades	39.512
Produtores	37.855

Fazendo uma análise desses dados não se pode estimar a taxa de natalidade do rebanho ovino gaúcho, uma vez que a declaração anual de rebanho é realizada apenas uma vez ao ano (de janeiro a abril). Devido a esse fato, muitos cordeiros são abatidos antes mesmo de serem declarados pelo produtor rural. No ano de 2008, foram abatidos nos meses de outubro, novembro e dezembro 40.064 cordeiros (da safra). Ocorre o mesmo com os ovinos que morrem até o desmame, pois o produtor apenas declara os animais que possui (vivos) na data da declaração.

Levando em consideração uma mortalidade, média, de 5% dos animais, pode-se estimar que cerca de 172 mil ovinos morrem anualmente no RS devido a doenças, predadores e abigeato.

Das fêmeas acima de seis meses de idade, normalmente, cinco produções são encarneiradas. Existe, ainda, mais uma produção que é considerada de descarte ou “ovelha de internada”, perfazendo 16,66% das fêmeas acima de 6 meses de idade, o que resulta em 326.926 ovelhas. Com base nos dados do levantamento, estima-se que há 1.635.413 fêmeas na reprodução (fêmeas acima seis meses de idade – 5% de mortalidade – 16,66% descarte).

No RS é usual a utilização de 3% de carneiros nas fêmeas em reprodução. Assim sendo, são usados 49.062 carneiros. O número de machos adultos

(capões) é igual ao número de machos acima de seis meses (417.512), reduzindo-se os 5% de mortalidade e o número de carneiros. Com isso têm-se 347.574 capões.

Calcula-se, ainda, que a reposição de carneiros seja de 20% ao ano. Assim, ter-se-ia uma reserva nos animais jovens (menores de seis meses de idade) de 13.083 ovinos. Num cálculo de 75% de seleção, ter-se-ia 9.812 carneiros selecionados para a reposição anualmente.

Como 20% dos capões são abatidos anualmente, precisa-se de 20% dos animais jovens para essa reposição (69.515 cordeiros).

Com esses cálculos, 337.133 cordeiros estão disponíveis para abate, anualmente.

No caso das fêmeas, calcula-se que a reposição de ovelhas seja de 20% ao ano. Assim, ter-se-ia uma reserva nos animais jovens (menores de seis meses de idade) de 436.110 ovinos. Num cálculo de 75% de seleção, ter-se-ia 327.082 ovelhas selecionadas para a reposição anualmente.

Na tabela abaixo, demonstra-se os ovinos potencialmente disponíveis para abate no RS anualmente.

<i><b>Categoria</b></i>	<i><b>Animais</b></i>
Ovelha de descarte	326.926
Carneiros de descarte	9.812
Capões para abate	69.515
Cordeiros para abate	337.133
Cordeiras para abate	52.331
Carneiros não selecionados (25%)	3.271
Borregas não selecionadas (25%)	109.028
<b>Total</b>	<b>908.016</b>

Demonstra-se na próxima tabela o número de animais abatidos em 2008, conforme dados oficiais.

<i><b>Inspeção</b></i>	<i><b>Ovinos abatidos</b></i>
Federal	178.817*
Estadual	60.694
Municipal	38.234
<b>Total</b>	<b>277.745</b>

\*Desse total, 23.953 são ovinos oriundos do Uruguai

Analisando-se as duas tabelas acima, percebe-se que em 2008 foram abatidos 253.792 ovinos com origem no RS em estabelecimentos com inspeção oficial no Estado, descontando-se os 23.953 ovinos provenientes do Uruguai e abatidos no RS.

Sabe-se que destes animais abatidos com origem no RS, 40.064 são de cordeiros da safra, assim temos 213.728 ovinos declarados e abatidos sob inspeção oficial.

Com base nas informações das GTAs, sabe-se que 36.117 ovinos foram destinados a outros estados da federação, egressos do RS.

Portanto, já que a população ovina no RS mantém-se estável nessa década, pode-se estimar que 658.171 ovinos [908.016 – (213.728 + 36.117 )] podem estar sendo abatidos informalmente no Estado, muitos destes nas próprias propriedades rurais para consumo ou, ainda mais grave, para abates clandestinos. Tal informalidade, além de trazer prejuízos econômicos ao Estado é um grave problema de saúde pública.

\* Médico Veterinário - Serviço de Doenças Infecciosas, DFDSA/SEAPPA

\*\* Médico Veterinário - Serviço de Epidemiologia e Estatística, DFDSA/SEAPPA

### Referências Bibliográficas

1 - Artigo publicado no jornal da ARCO (associação Brasileira de Criadores de Ovinos), edição fev-mar de 2010 (página 13). [http://www.agricultura.rs.gov.br/admin/docs\\_serv/1266859526Potencialidade\\_de\\_ovinos\\_para\\_abate\\_no\\_RS.pdf](http://www.agricultura.rs.gov.br/admin/docs_serv/1266859526Potencialidade_de_ovinos_para_abate_no_RS.pdf)

---

- O Informativo Técnico do DPA veiculará artigos dos técnicos científicos do DPA, tanto do nível central como regional e IVZs. Pode ser de autoria própria ou compilado.

O artigo deve vir acompanhado de bibliografia e deve ter tamanho máximo de 3.500 caracteres (sem espaços). Tabelas são consideradas como caracteres e vamos limitar a duas fotografias por artigo. Em casos de artigos curtos, porém ricos em fotografias, será aceito um número maior destas, sempre com legendas.

Os artigos podem ser enviados eletronicamente para [ivo-kohek@agricultura.rs.gov.br](mailto:ivo-kohek@agricultura.rs.gov.br), onde um grupo de revisores do nível central fará a avaliação, edição e dará a formatação final. Os artigos serão veiculados conforme a ordem de chegada.

- O Informativo Técnico do DPA também pode ser lido e baixado no site da SEAPPA em: [http://www.saa.rs.gov.br/admin/docs\\_serv/1268938775Informativo\\_Tecnico\\_DPA\\_01\\_01\\_abril\\_2010.pdf](http://www.saa.rs.gov.br/admin/docs_serv/1268938775Informativo_Tecnico_DPA_01_01_abril_2010.pdf)

---